

O CONCEITO DE “LITERATURA MENOR” EM DELEUZE E GUATTARI E SUA EXPRESSÃO NA OBRA CEM ANOS DE SOLIDÃO DE GABRIEL GARCIA MARQUEZ¹

Juliana dos Reis Santana²

RESUMO:

A presente pesquisa de Iniciação Científica realiza-se sob a orientação da Professora Dra. Zamara Araujo dos Santos, e objetiva-se apresentar o conceito de “**literatura menor**” criado por Gilles Deleuze e Felix Guattari no livro: *Kafka, por uma literatura menor*, e sua expressão na obra *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marquez. Os autores criaram o conceito de “*menor*” como um dispositivo com intuito de tecer uma interpretação singular, caracterizando a “literatura menor” como uma literatura e uma escrita que se apresenta de forma desterritorializada e desvinculada de noções pré-estabelecidas. É a partir desse estudo elaborado pelos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari que surge a proposta de investigar a problemática conceitual e sua expressão na obra responsável por inaugurar o realismo fantástico³ na América Latina, a saber, a obra *Cem Anos de Solidão* do colombiano Gabriel García Márquez.

PALAVRAS-CHAVE: Deleuze e Guattari, desterritorialização, linha de fuga, literatura menor, realismo fantástico.

¹ Pesquisa realizada sob a orientação da Profa. Dra. Zamara Araujo dos Santos, coordenadora do projeto de pesquisa: “Planos e conceitos da filosofia e da estética em Deleuze e Guattari”, ao qual este subprojeto está vinculado.

² Discente do III semestre do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Vitória da Conquista. IC bolsista pelo PIC/UESB. E-mail: slyjuliana@gmail.com

³ Mistura dos elementos personagens, cenários e situações da realidade cotidiana com elementos de universos folclóricos, oníricos ou míticos. Como a total incorporação desses elementos extraordinários e fantásticos cria-se uma naturalização de sua coexistência com a realidade objetiva.

INTRODUÇÃO:

Objetiva-se neste trabalho delinear e demonstrar como o conceito de “literatura menor” está presente e se configura ao longo da obra, estabelecendo um diálogo entre filosofia e literatura, cujos desdobramentos se desenham no campo da crítica social, da política, da educação, da linguagem e da arte. A partir do campo temático espera-se construir uma abordagem contemporânea em torno de um paralelo de filosofia e literatura, dialogando com autores e comentadores importantes, estabelecendo uma discussão plural e diferenciada, agregando conhecimentos e visão crítica, numa perspectiva transversal. Primeiramente, o estudo irá se compor em três etapas, sendo elas a discussão sobre: A **linguagem, o político e coletivo**, que são as três características de uma **literatura menor** apontadas por Deleuze e Guattari, visando articular tal discussão à obra de García Márquez. Num segundo ponto, busca-se se discutir a necessidade desse entendimento, trazendo apontamentos de comentadores para ampliar o horizonte acerca do estudo e por fim as considerações finais do trabalho.

Como aponta Silvio Gallo, Deleuze e Guattari “criaram o conceito de *literatura menor* como dispositivo para analisar a obra de Franz Kafka” (GALLO, 2002, p. 171.), e partir disso surge uma nova forma de entender a literatura, justificando a existência de uma “literatura menor” que se constitui de forma desterritorializada e desvinculada de categorias pré-estabelecidas tais como sujeito, objeto, significante, significado etc.

“Uma literatura menor não é o de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que nela, a língua afetada sofre um forte coeficiente de desterritorialização.” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 35-36).

A linguagem em *Cem Anos de Solidão* incorpora à literatura latino-americana uma postura crítica referente à modernização excludente que ocorria e ainda ocorre no continente. Manifesta-se uma ideia amplamente aceita e promovida pelos literatos do período de que Macondo, a cidade fictícia do romance, seria reflexo direto – ou, até mesmo, o perfeito retrato – da América Latina. Isso significa que o livro se consolidou ao longo dos anos como o romance “latino-americano” por excelência, e Macondo como uma representação possível e, por vezes, considerada fidedigna da Colômbia e da América do Sul. O escritor nos apresenta em inúmeras vezes, com toda a poesia em qual tece seu texto, todo o sentimento e evidências do porquê a linguagem se faz multifacetada e não apenas como uma ferramenta descritiva da trama ali apresentada. A linguagem permeia o texto de forma dúbia nos trazendo críticas à estrutura política, econômica e social. Nivelando com a linguagem, se faz presente também a esfera política, a obra traz em todo o seu discurso a proposta de uma desterritorialização, diferenciando-se das grandes literaturas universais que se ocupam de uma mera representação da sociedade mediante categorias pré-estabelecidas e se firmam dentro do cânone literário. O debate sobre a escrita literária se determina mediante diversos conceitos criados por Deleuze e Guattari e envolve críticas sociais e padrões de relações que situam a família como um modelo de liberação do desejo, sendo um dos aspectos mais importantes os *triângulos familiares*. Trata-se de explicar a estruturação social e o desejo que tem seu início na família com (pai-mãe-filho) mas que vai se estender para o campo social, político, econômico e burocrático. Esse aspecto é o primeiro a ser apresentado no texto com o quando nos é apresentada a caricata família Buendía e sua complexa árvore genealógica. Em vista disso surge o ampliamto desses triângulos que dentro de outros infinitos triângulos que buscam desfamiliarizar esse conjunto *familiar, burocrático, social, político, religioso, econômico e militar*. O texto do Garcia

Márquez traz o coletivo, da voz a todo um continente no momento em que ele dá espaço e protagonismo a uma inconfundível e verossímil família latino-americana que se vê diante de uma “américa” que tenta ser uma mera cópia da metrópole que um dia os colonizou. A partir desse entendimento podemos observar como a linguagem do texto perpassa esse aspecto:

“Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapê, construídas na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las era preciso apontar com o dedo. Todos os anos, pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava a sua tenda perto da aldeia e, com um grande alvoroço de apitos e tímbalos, mostrava as novas invenções.” (MARQUEZ, Gabriel Garcia, 1970, pág. 8)

É sob essa ótica literária que Garcia Márquez vai elaborando o enredo trazendo o celebre personagem, o Coronel Aureliano Buendía que promoveu 32 guerras e perdeu todas, além de escapar de 14 atentados, e está inserido nas lutas políticas que os liberais, federalistas e os livres-pensadores empreenderam contra os governos conservadores, baseados nos latifundiários. A exemplo disso, temos no livro *a companhia bananeira* que vem com a proposta de trazer modernidade econômica, mas traz apenas violência e morte em mais um episódio onde o imperialismo da metrópole crava suas presas na jugular da América do Sul. Na página 256 do livro, García Márquez ironiza brilhantemente quando retrata o *massacre das bananas*⁴ no seguinte trecho:

⁴ (em espanhol: Masacre de las bananeras) foi um massacre de trabalhadores da United Fruit Company ocorrido em 6 de dezembro de 1928 na cidade de Aracataca (Magdalena), nas proximidades de Santa Marta, Colômbia. Após oficiais americanos, juntamente com representantes da United Fruits apontarem a greve dos trabalhadores como "comunista" e abrindo fogo contra os trabalhadores, as autoridades ficaram em silêncio, nunca se chegou a uma conclusão do que de fato aconteceu.

“— Deviam ser uns três mil — murmurou. — O quê? — Os mortos — esclareceu. — Acho que todos os que estavam na estação. A mulher mediu-o com um olhar de lástima. “Aqui não houve mortes”, disse. “Desde os tempos do seu tio, o coronel, não acontece nada em Macondo.” Em três outras cozinhas por onde José Arcádio Segundo passou antes de chegar em casa disseram a mesma coisa: “Não houve mortes.” (MARQUEZ, Gabriel Garcia, 1970, pág 256)

O militarismo e a resistência contra o governo conservador. Inúmeras guerras civis, crítica aberta a postura dos militares, a corrupção e ambições corruptas de ambos os partidos. Incontáveis ações militares são descritas no decorrer do texto com fuzilamentos, assassinatos em praça pública. Esse recorte do livro faz referência a países marcados pela monocultura e dotados de instituições governamentais fracas e corruptas, pela subordinação ao militarismo rigoroso, nos quais um ou vários países estrangeiros promovem e têm o poder de influir nas decisões nacionais, num ciclo que perpetua ano após ano e século após século. Em suma e síntese; a América latina que perdura ciclo de 100, 200, 500 anos de solidão debaixo das botas do imperialismo. Como aponta Galeano:

“Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta”. (GALEANO, E. 1971 latina, p.17)

É contando uma mentira - história verossímil - que Gabo nos puxa para a luz da razão, o entendimento do agenciamento criado em seu romance nos dá essa interpretação, ganha força, agita como numa ruptura através dessa “literatura menor” que subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes afluem e flutuem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. “A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos” como aponta Sílvia Gallo, pág 172, 2002 . Nesse momento outro formoso conceito deleuzo-guattariano entra em

ação, o conceito de *devir*. Graças a ruptura que o livro traz, podemos refletir sobre a saída da postura passiva para uma postura de desejo maquínico como num agenciamento, revelando a face mais genuína da literatura menor que é a de uma máquina revolucionária que cria, agita, rompe, busca e traz sempre novos agenciamentos.

O campo político contaminou todo enunciado”. Mas sobretudo, mais ainda, porque a consciência coletiva ou nacional é ‘frequentemente inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação’, é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária” [...]. A máquina literária toma assim o lugar de máquina revolucionária porvir” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 37).

Por fim, a última etapa consiste no fato de que: Os agenciamentos são coletivos; tudo é coletivo. Não se trata de questões individuais, pois numa literatura menor, as condições de uma enunciação individual não são dadas. Observando esses aspectos vemos que o caráter social da enunciação remete por si mesma aos agenciamentos coletivos, não é suficiente pensar apenas na língua e linguística apenas como atravessada pelo social, mas também como ela se transforma numa enunciação coletiva que mobiliza *“Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade.”* Sílvia Gallo, 2002, pág. 172. O campo político contamina todo o enunciado, dando voz a todo um continente e a história de um povo que diferente da história da família Buendía e todo o povo de Macondo, não intenciona e não irá se deixar ser varrida pelo esquecimento.

METODOLOGIA

A metodologia instruída para a elaboração dessa pesquisa foi feita com base em leituras teóricas e levantamento biográfico dos teóricos: Gilles Deleuze e Félix Guattari, Sílvia Gallo, Friedrich Wilhelm Nietzsche, Silvano

Santiago, Eduardo Galeano e Gabriel García Márquez. Com base nessas leituras foi possível assimilar alguns conceitos deleuzo-guattarianos tais como: *devir, rizoma, maquínico, desejo etc...*, para assim compreender a questão do lugar da literatura latino-americana dada por Silviano Santiago.

“Quando o rei Pirro passou à Itália depois de ter reconhecido a organização do exército com que os Romanos iam defrontar o seu: “Não sei, disse, que género de bárbaros são estes (pois assim chamavam os Gregos a todas as nações estrangeiras) mas a disposição do exército que vejo não é de forma alguma bárbara”.

Silviano Santiago relata que Montaigne abre o capítulo do ensaio XXXI – Os Canibais apresentando pontos de vista dos “canibais do novo mundo” com uma referência a história grega; este paralelo abre espaço para compreendermos o agenciamento coletivo da “literatura menor” de *Cem Anos De Solidão* e o que a difere das grandes literaturas. Segundo Silviano Santiago, na antropofagia - um conceito que faz referência aos povos originários - cria-se uma rota, ou, com Deleuze e Guattari, uma linha de fuga. É a partir do momento que transgredimos o pré-estabelecido, o cânone que criamos o original, reafirmamos nossa voz e criamos um *entre-lugar* - perspectiva onde o discurso latino-americano se encontra como uma “fronteira”, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima – num processo de ruptura deixando de ser fronteira e passando a ser território. A proposta de entender o agenciamento coletivo abordando noções políticas do livro, é tratar a forma que o imperialismo atua e como isso se configura no discurso. Santiago e Galeano apontam que a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza, que esses conceitos perdem sua força na medida que a propagação dos latino-americanos se mostra mais eficaz. É através desse movimento que a América Latina firma seu lugar no mapa, já que não pode mais

voltar ao seu lugar de paraíso intocado e se recusa a se tornar uma mera cópia das metrópoles, e busca a formar a sua identidade com base na alteridade. “Entre a obediência e revolta, a assimilação e a expressão, entre a prisão e transgressão ali no seu “vazio”, na sua clandestinidade, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.” (SANTIAGO, Silviano, 1971, pág 26.)

RESULTADOS E CONCLUSÃO

“Escrever como um cachorro que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo” (DELEUZE e GUATTARI, 2017, p. 39). Em contextualização com o pensamento de Deleuze e Guattari e o conceito de “literatura menor”, dentro de toda a inventividade, em suas diversas referências à bíblia, com todos os seus personagens marcados pela solidão e com características típicas do mito, sem uma circularidade temporal, a família Buendía continua existindo, morrendo e resistindo todos os dias em toda a América Latina. Com suas personagens femininas que expressam bem a força, de uma líder nata, da mulher latino-americana, carregando de forma crua dentro de uma narrativa mágica toda a história da América Latina, Gabo consegue nos mostrar em sua enunciação a força política e coletiva de seu discurso, dentro de um realismo mágico nos leva a novos agenciamentos e linhas de fuga. É mergulhando na complexa obra de Gabo que podemos nos deparar com inúmeras características de uma literatura menor, já que nesta obra recheada de unicidade e fantasia é feita a denúncia de uma América Latina condenada a muito mais que cem anos de solidão, mas que resiste e busca pela sua desterritorialização como nas palavras do próprio Gabriel

Garcia Márquez, em seu discurso quando recebeu o Nobel da literatura:
“Diante da opressão, do saque e do abandono, nossa resposta é a vida”.

AGRADECIMENTOS:

À profª, Drª Zamara Araujo dos Santos.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

À Gerência de Pesquisa e Inovação – GPI.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PPG.

À FAPESB, pela bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO Jr., Hélio Rebello. **Conceitos Onto-Políticos No Pensamento De Gilles Deleuze: "Minoria" Como "Devir-Minoritário"**. Política e Trabalho 15 - PPGS-UFPb. Setembro / 1999 - pp. 21-28.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução: Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução: Luiz. B. L. Orlandi. – 1. ed.; 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G., Parnet, C. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. Filmado em 1988-1989. Publicado em: 1995.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**. Educação & Realidade, v. 27, n. 2, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão**. 8. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970. 364 p. Eliane Zagury.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

ZOURABICHIVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2004.